

O jornalismo e o avanço da internet

DAVID ÉDEN

REFERÊNCIA: HIRST, Martin. *News 2.0: Can journalism survive the Internet?* Sydney, Allen and Unwin, 2011. Paperback, 256.

Uma das características da atual situação social em economias capitalistas avançadas e em partes do Terceiro Mundo é o ritmo sempre acelerado da mudança tecnológica. Em especial, na nossa ótica, as tecnologias digitais e de comunicação redefinem incessantemente os contornos da vida, fazendo com que a história desta redefinição se torne, também, um ponto-chave do universo ideológico pós-capitalista. Pelo menos desde a década de 1980, tem havido persistente esforço de otimismo tecnoliberal, evidente no consenso ideológico dominante (e também em algumas formas de pensamento opositor). Talvez melhor

exemplificada em trabalhos como o de Toffler e em revistas como a *Wired*, essa “Ideologia Californiana” argumenta que o desenvolvimento tecnológico resolveria as contradições do capitalismo e ofertaria trabalho significativo, liberdade individual, abundância e a participação de todos aqueles que conseguissem se conectar (TOFFLER, 1981; BARBROOK; CAMERON, 1995).

Apesar de a quebra do “mercado *dotcom*” nos anos 1990 e de a experiência vivida com a “hiper-realidade” terem tirado o brilho dessas esperanças utópicas, elas permanecem como parte do ruído das sociedades nas quais vivemos. Esta saturação se dá, em parte, não apenas pela forma como tal narrativa constitui a ideologia dominante, mas também pela forma como a própria materialidade de fenômenos como a internet, a televisão digital, *smartphones*, *iPods*, *tablets* e a navegação por

DAVID ÉDEN

Pesquisador-assistente na Universidade de Queensland, tutor e conferencista na Universidade de Queensland e Griffith. Membro do Red Thread Study Circle e da Assembleia pela Dignidade.

satélites reestruturaram a materialidade da própria tecnologia. As ações recentes da Apple com vistas a barrar as vendas através do aplicativo via iTunes da sua loja de um jogo de computador que critica os processos utilizados na confecção das plataformas onde este mesmo jogo seria jogado, e as denúncias e discussões que se seguiram a este banimento em fontes noticiosas da internet, expõem as contradições que a abertura e o fechamento de tais avanços provocam (ALEXANDER, 2011).

Por isso, quando um analista lança um olhar mais crítico sobre estes avanços, ele é bem-vindo; e esta é a intenção de Martin Hirst em *News 2.0: Can journalism survive the internet?* O primeiro alvo intelectual de Hirst parece ser – e ele toma emprestado o conceito de Vincent Mosco – a “superioridade digital” e as noções de singularidade (p. 8), isto é, a ideia de que, por conta das constantes transformações tecnológicas, se chegará a uma mudança qualitativa que alterará a condição humana, e assim “nós entraremos em uma nova ‘era dourada’: o poder da computação ilimitada, satélites conectados, cabos de fibra ótica de alta

velocidade e telefonia móvel barata devem facilitar nossas vidas” (p. 9). Hirst também dedica pouco tempo aos vários entusiastas do cibercapital, segundo os quais “a atual era da internet iria promover uma nova era de política democrática global” (p.10). Seu ponto de partida é que esta realidade não ocorrerá:

Nós somos lembrados quase que diariamente de que esse [a promoção de uma nova era através da internet] não é exatamente o caso. A crise econômica global que atingiu os mercados financeiros globais em 2008, guerra, estados falidos, fome, desastres ambientais, genocídio, corrupção política e econômica, abuso familiar e infantil, pobreza e a falta de oportunidade para grandes parcelas da população mundial são parte da dieta diária de notícias e informações (p. 10).

Assim, o que está nas telas da rede pode servir para nos lembrar que a realidade não é o que nos foi prometido (embora aqui nós já vejamos uma das falhas do conjunto do trabalho: uma teorização insuficiente da nossa condição. Realidade e ideologia são contrapostas, não conseguindo compreender que a realidade, como tal, já é sempre ideológica,

ou, melhor ainda, fetichizada/objetificada).¹ A lente a utilizarmos para explorar estes fenômenos é a do papel transformador do jornalismo.

Contra as compreensões tecno-otimistas, Hirst propõe uma metodologia por ele denominada de “dialética”, que significa um “processo histórico contextualizado onde o choque e a contradição de opostos binários [...] resulta na criação de uma terceira ideia de força” (p. xii). Ele quer usar isto para compreender as mudanças no jornalismo mediante observação de “uma série de construtos econômicos, políticos, ideológicos e culturais” (p. xi). Esta é uma clara alusão a Marx, ou, no mínimo, uma noção razoavelmente obsoleta de marxismo. Marx é um estranho espectro presente nesse trabalho – subentendido, mas

muito ausente – e o uso que Hirst faz da dialética parece substituir um compromisso substancial, e provavelmente muito mais gratificante, com a essência de Marx e a crítica marxista da economia política.

Qual é o teor do argumento de Hirst? Isto é difícil de definir, em parte, por causa do método de exposição do autor. Uma grande quantidade de pesquisa foi usada no livro, e isto é percebido pela constante justaposição das reflexões de vários teóricos e especialistas em mídia. Desse modo, a leitura da obra torna-se irritantemente confusa. Nós vamos de “X disse isso” para “Y disse aquilo” para “Z respondeu que [...] e, portanto, isto obviamente é correto”. Tal exposição é pouco convincente; logo, o objeto de estudo é frequentemente obscuro e distante. A menos que esta seja uma maneira bastante inteligente de provar que a compreensão de si mesmo se tornou obscura e distante em nosso momento histórico – o que parece pouco provável, dada a abordagem geral do autor –, isto enfraquece a capacidade argumentativa de Hirst.

Contudo, o argumento geral é o seguinte: o antigo modelo

1 Os conceitos de ideologia e fetichismo usados aqui são extraídos das tentativas de Marx de compreender a relação entre ideias e relações sociais especificamente no capitalismo. Estes dois termos não se combinam facilmente, e Balibar identifica como este último é, de diversas maneiras, uma tentativa de superar os problemas do primeiro. O trabalho de Žižek fez muito para reconectar estes dois conceitos. Sobre este assunto, cf. Etienne Balibar, *The philosophy of Marx*, trans. Chris Turner. London & New York: Verso, 2007, p. 75-77; Slavoj Žižek, *The sublime object of ideology*. London & New York: Verso, 1999.

de jornalismo, o jornalismo industrial, está em crise; está fracassando por causa das forças geminadas da crise econômica e da emergência do conteúdo digital, gerado pelo usuário. O formato digital, enquanto promete maior participação, é na verdade uma situação empobrecida de trivialidade e crescente dominado pelas corporações. A saída, afirma Hirst, é os jornalistas romperem com seu papel no reforço da ideologia capitalista, quebrarem a “ideologia de profissionalismo que impede que novos profissionais de mídia reconheçam a posição de sua própria classe (como trabalhadores) e os reais interesses dela” (p. 204). A partir daqui, ele faz a “sugestão [admitidamente] radical” para que jornalistas “se manifestem e reivindiquem controle dos trabalhadores sobre as salas de imprensa e o processo de produção de notícias” (p. 204). Esta não parece ser, em si mesma, uma demanda pelo pós-capitalismo, mas uma maneira por meio da qual os jornalistas podem se organizar dentro do capitalismo, de modo a aumentar a participação democrática, perceber as capacidades latentes das tecnologias digitais e,

eu imagino, ajudar a incitar por um futuro pós-capitalista.

O problema não é a radicalidade desse argumento; antes, ele não é radical o bastante. O argumento nem compreende de maneira satisfatória a natureza do capitalismo e o modo como ele molda nossas vidas, nem sugere uma solução suficientemente radical. Parte disto ocorre por conta da noção objetificada e escassa de jornalismo presente no cerne do trabalho. Talvez seja compreensível que, como Hirst ensina jornalismo na Universidade de Tecnologia de Auckland, ele veja alguma utilidade inata para o trabalho dos jornalistas. Embora ele aponte que o jornalismo contemporâneo é, na prática, um assunto razoavelmente comprometido – “o entendimento do público atual é de que o jornalismo não passou no teste” (p. 27) –, ele contrapõe isto a um possível “jornalismo de baixo” (p. 205). Observadores do trem esquerdista no mundo anglófono (usando um vernáculo para aqueles que seguem as farsas bizantinas dos vários ramos da esquerda) podem reconhecer que o adjetivo “de baixo” é uma referência à concepção da Tendência Socialista

Internacional Cliffite² de “socialismo de baixo”. No entanto, apesar do pedigree radical, o jornalista ideal de Hirst é surpreendentemente liberal.

Hirst rejeita noções acríticas do “4º. Poder”, argumentando que “reduzido à sua essência, o modelo de 4º. Poder foi, na verdade, um modo de apoiar e propagar os interesses de uma burguesia pública crescente” (p. 71). Segundo ele afirma, “nos últimos sessenta anos, a indústria de mídia global tem, por vezes, obscurecido a verdadeira indústria pública, ou disfarçado os interesses dos setores ricos e poderosos como se fossem interesses da população geral”. Esta é uma situação na qual “jornalistas ignoram seu papel como intelectuais do dia a dia, e quando repórteres esquecem sua obrigação com a verdade e a confiança”. Contra isto, Hirst defende que o real papel do jornalista, “seu trabalho”, é lutar por esta verdade, porquanto “um público democrático precisa de uma comunidade de repórteres” (p. 200).

Talvez este último ponto esteja correto, e a política e os movimentos emancipatórios das massas sempre envolvam a geração de comunicação, a reportagem e o debate.

O problema é que Hirst vê a função ideológica do jornalista como algo que surge quando eles são desviados do seu real papel. Contudo, talvez a mistificação mais profunda não seja o que é produzido quando os jornalistas expõem o porão das reações (*pump out the bilge of reaction*), mas a própria ideia de que jornalistas podem, de algum modo, expor a verdade, e de que essa exposição leva a algum tipo de criação democrática. Como Žižek argumenta, “o que atualmente impede o questionamento radical do próprio capitalismo é precisamente *a crença na forma democrática de luta contra o capitalismo*” (destaque no original) (ŽIŽEK, 2008). A crença no poder do jornalismo é, ela mesma, parte dessa ideologia. Žižek se refere à existência dessa ideologia em “filmes ‘sócio-críticos’ de conspiração” que expõem o comportamento desleal das “grandes corporações” (ŽIŽEK, 2008). Aqui, a política é imaginada como fundamentalmente

2 Nota do tradutor: Refere-se ao pensamento de Tony Cliff (pseudônimo de Yigael Gluckstein), trotskista, fundador do grupo que deu origem ao Partido Trabalhista britânico.

jornalística, a exposição de algum mal-feito escondido à luz do debate público. O culto do herói de quadrinhos *Spider Jerusalem*, de *Transmetropolitan* – uma homenagem ciber-punk à personalidade da contracultura e inventor do “jornalismo gonzo”,³ Hunter S. Thompson – dá um ótimo exemplo desta falácia, sugerindo que governos podem ser derrubados mediante um bem colocado artigo de blog ou um trecho de gravação de vídeo.

O problema com essa parte do argumento de Hirst é que os segredos obscuros do capital são geralmente públicos, e sua simples exposição não leva ao surgimento de uma resistência. A crise é o motivo dominante do nosso tempo. Nós estamos cientes de o quão ruim é nossa situação: catástrofe ecológica, a profundidade da crise econômica, os sangrentos fracassos da “Guerra contra o Terror”, a opressiva banalidade da vida diária sob o capitalismo. Verdade, a mídia sub-reporta, torce e intensifica informações de modo particular. Verdade,

3 Nota do tradutor: O “jornalismo gonzo” é um tipo de escrita jornalística que afasta qualquer pretensão de objetividade e onde o autor se insere profundamente na ação.

existe uma linha abertamente ideológica. Mas também há a ideologia igualmente difundida que fala do poder da reportagem, uma força que reside essencialmente em hipóteses liberais, quais sejam, as suposições de que as relações sociais básicas do capital são, de alguma maneira, democráticas.

Talvez seja melhor entender a ideologia do capitalismo tardio como um sistema de ideias baseado no cinismo e na fé. O jornalismo tem pouco poder para liderar movimentos radicais anticapitalistas porque ninguém se surpreende ou se choca quando um novo escândalo vem à tona, o povo não leva a sério os valores oficiais de uma sociedade. Ainda assim, ao mesmo tempo, há uma crença popular segundo a qual a sociedade pode, de algum modo, por meio da sua essência democrática, responder às crises que nós enfrentamos. Não é essa a verdadeira lição do *Wikileaks*? A despeito do exagero da mídia e da punição do Estado ao seu editor, Julian Assange, no final das contas, as revelações que o *Wikileaks* fez das práticas imperialistas contemporâneas tiveram, no máximo, um impacto limitado na reversão do declínio terminal

dos movimentos contrários à guerra. Antes, o *Wikileaks* expôs o que já sabíamos: que os Estados capitalistas liberais agem de modos fundamentalmente opostos ao liberalismo que eles mesmos professam. Logo, uma reação comum é a de fatalismo ou esperança impotente: por que alguém deveria se surpreender, se isso é só o jeito como o mundo funciona? Os otimistas, por sua vez, simplesmente desejam que agora nossos líderes sejam responsabilizados por seus atos. Hirst resume corretamente o entusiasmo que cerca o potencial democrático do conteúdo gerado por usuários: “O que está sendo celebrado nestas ocasiões não é a qualidade, mas a rapidez e o choque de adrenalina disparado nas veias dos novos viciados” (p. 128). Contudo, o autor precisa lançar um olhar similar sobre as pretensões do jornalismo.

Assim, enquanto a mídia de informações é essencial à reprodução da ideologia dominante, ela parece ser severamente limitada no tocante à habilidade de criticar a ideologia de modo efetivo, se por “criticar” nós queremos dizer mais do que apontar as inconsistências, falácias e inverdades.

O trabalho de Hirst não consegue chegar a este ponto por causa das suas limitações internas. Falta-lhe um envolvimento suficiente com teoria. Esta não é uma insistência pedante, mas uma reflexão sobre a inabilidade do autor de compreender o que está realmente acontecendo no capitalismo atual. Hirst insere gotas de teoria em certas seções da sua narrativa que o impedem de explorar os conceitos fundamentais – vejam o uso banal que ele faz da noção de “intelecto geral”, por exemplo (p. 87).⁴ Ele também seleciona a seu gosto diversos teóricos que não se combinam. Lança mão, por exemplo, dos escritores marxistas Novack (p. 43-44), Harvey (p. 45) e Dyer-Witherford (p. 87-88), a despeito das suas interpretações frequentemente diferentes do capitalismo e do trabalho de Marx, e não explora ou mesmo sinaliza estas disjunções.

O problema epistemológico subjacente de Hirst é a distância do seu trabalho para a crítica de economia política e a noção central de valor de

4 Para melhor compreensão da noção de “intelecto geral”, ver o trabalho sobre pós-operalismo, cf. Paulo Virno, *A grammar of the multitude*. Los Angeles, CA & New York, NY: Semiotext(e), 2004.

Marx. Hirst acena em direção a Marx – mas o faz de uma distância insatisfatória. De fato, quando se refere aos trabalhos fundamentais de Marx, *O capital e Grundrisse*,⁵ ele não os cita, apenas menciona através de outros autores (p.43). Novamente, esta não é uma defesa purista, mas uma razão possível para as inadequações teóricas de Hirst. Há uma falha notável em explicar o que Marx entende por “valor”. Hirst se refere com frequência à mercadoria e sua natureza dual, porém não consegue entender as implicações destas ideias. Ele também emprega a ideia não-marxista de que o valor da mídia de notícias não é determinado por tempo de trabalho socialmente necessário, mas pelo tamanho da audiência (p.178). Como qualquer construção deste tipo tem muito mais a ver com ideias neoclássicas, por que inferir que ela vem de Marx?

O que é talvez mais proveitoso é entender como a crescente externalização da produção do conteúdo midiático, para usar um conceito de Marazzi, funciona de modo

5 Nota do tradutor: Em português, “Elementos fundamentais para a crítica da economia política”.

similar para a emergência de um capital constante em relação ao capital variável dentro do ambiente de trabalho formal: a redução do trabalho pago contribui para a tendência de queda da margem de lucro.⁶ Hirst contrapõe “o uso/valor informativo do jornalismo e seu valor-troca comercial em uma economia capitalista”, sendo aquele o “interesse público” (p.178). O que isso não consegue abranger é a forma aparente do valor, e valor é um aspecto da natureza fetichizada da mercadoria. Em uma sociedade capitalista não existe interesse público fora destas relações fetichizadas: “Relações sociais definitivas entre homens que assumem aqui, entre eles, a fantástica forma de relação entre coisas” (MARX, 1990, p.165).

O valor regula a sociedade “pelas costas” da sociedade, mediante transformação das criações humanas em quantidades diferentes de uma mesma substância (MARX,

6 Cf. Christian Marazzi, *The violence of financial capitalism*. Los Angeles: Semiotext(e), 2011. Aqui, eu apenas empresto a noção de externalização de Marazzi, já que ele, como muito do pós-operarismo, acredita que valor não mais funciona em um capitalismo contemporâneo.

1990, p. 165). O trabalho específico que cria um uso-valor é objetificado em trabalho abstrato, em valor. Mais do que isso, nós podemos entender – de acordo com Debord e, depois, Agamben – que, em certo ponto do desenvolvimento do capital, a fetichização da mercadoria satura de tal forma a condição humana que dá uma salto quantitativo em direção a algo que chamamos “O Espetáculo” (DEBORD, 2002; IMRIE, 2002; AGAMBEN, 2000, p. 82). Como aponta Agamben, em tal situação, o capitalismo é “dedicado não apenas à expropriação da atividade produtiva mas também, e especialmente, à alienação da própria linguagem, da natureza comunicativa dos seres humanos” (AGAMBEN, 2000, p. 82). Quando tal proporção da sociabilidade humana é subordinada à relação com o capital, nem mesmo o melhor jornalismo pode fugir à fetichização.⁷

7 Sem surpresas, os conceitos de “espetáculo” e similares não podem levar nem a um profundo desespero, nem a uma política com sabor intensamente milenar. Sobre este último, ver *The invisible committee, coming insurrection*. Los Angeles: Semiotext(e), 2009; Tiqqun, Introduction to civil war, trans. Alexander R. Galloway e Jason E. Smith. Los Angeles: Semiotext(e), 2010; Tiqqun, This is not a program, trans. Joshua David Jordan Los Angeles: Semiotext(e), 2011.

O próprio fenômeno que Hirst pretende criticar assume a forma que tem por causa da sua existência como mercadoria um conceito que seu trabalho menciona, mas não desenvolve com profundidade suficiente. Mesmo que os profissionais de mídia pudessem determinar, dentro do capitalismo, a própria imprensa controlada pelos trabalhadores que Hirst apregoa, eles ainda seriam disciplinados e normatizados por valores existentes. De fato, Hirst reproduz uma visão coletiva de parte da Ideologia Californiana – a noção de que nós podemos ser nossos próprios chefes – ignorando a operação coercitiva de valor.

Se nós insistirmos que as correntes que usamos ainda são “correntes radicais”, que a condição do proletariado ainda tem potencial emancipatório, então nós podemos imaginar refazer a sociedade. O movimento capaz de realizar tal projeto irá provavelmente envolver muitas atividades que se parecem com jornalismo: com efeito, nós precisamos de publicações, *websites* e reportagens. Contudo, isto deveria ser pensado através das lentes liberais do jornalismo? O trabalho de Hirst tenta seguir

na direção correta, mas as limitações em sua crítica levam

a limitações em sua práxis sugerida.

Tradução:
Camila Alves da Costa

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **Means without ends:** notes on politics. Translated by Vincenzo Binetti and Cesare Casarino. Minneapolis; London: University of Minnesota Press, 2000.

ALEXANDER, Leigh.

Interview: molleindustria on phone story's 'objectionable' message. 14 Sept. 2011. Available from: <http://www.gamasutra.com/view/news/36946/Interview_Molleindustria_On_Phone_Storys_Objectionable_Message.php>.

BALIBAR, Etienne. **The philosophy of Marx.** Translated by Chris Turner. London; New York: Verso, 2007.

BARBROOK, Richard; CAMERON, Andy. The Californian ideology. **Mute**, issue n. 3, Autumn 1995. Available from: <http://w7.ens-lyon.fr/amrieu/IMG/pdf/Californian_ideology_Mute_95.pdf>. DEBORD, Guy.

Comments on the society of the spectacle. Translated by Malcolm Imrie. London; New York: Verso, 2002.

_____. **Society of the spectacle.** Translated by Ken Knabb. London: Rebel Press, 1983.

HIRST, Martin. **News 2.0 can journalism survive the internet?** Sydney: Allen & Unwin, 2011.

MARAZZI, Christian. **The violence of financial capitalism.** Los Angeles: Semiotext(e), 2011.

MARX, Karl. **O Capital:** a critique of political economy. Translated by Ben Fowkes. London: Penguin Classics, 1990. v. 1.

THE INVISIBLE COMMITTEE. **The coming insurrection.** Los Angeles: Semiotext(e), 2009.

TIQQUN. **This is not a program.** Translated by Joshua David Jordan. Los Angeles: Semiotext(e), 2011.

_____. **Introduction to civil war.** Translated by Alexander R. Galloway and Jason E. Smith. Los Angeles: Semiotext(e), 2010.

TOFFLER, Alvin. **The third wave.** London: Pan Books, 1981.

VIRNO, Paulo. **A grammar of the multitude.** Los Angeles, CA; New York: Semiotext(e), 2004.

ŽIŽEK, Slavoj. **In defense of lost causes.** London; New York: Verso, 2008.

_____. **The sublime object of ideology.** London; New York: Verso, 1999.